

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 111  21 DE JANEIRO 1882	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	\$120		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possesões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-	-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-	-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-	-		

## VISITA DOS REIS DE HESPANHA A PORTUGAL



INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE ORNAMENTAL NO MUSEU NACIONAL DE BELLAS ARTES, REALISADA EM 12 DO CORRENTE

(Desenho do natural por Antério Ramalho)



## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Salão de Quadros, MONTEIRO RAMALHO — As nossas gravuras: Basílio Alberto de Sousa Pinto, visconde de S. Jeronymo, A. M. SIMÕES DE CASTRO — A exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — Exposição Nacional de Milão, R. — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

**GRAVURAS.** — Inauguração da exposição de Arte Ornamental no Museu Nacional de Bellas-Artes — O fogo de artifício no Tejo, em a noite de 13 de corrente — Basílio Alberto de Sousa Pinto — Salão de quadros, exposição na sala da Sociedade de Geographia de Lisboa — Sinistro do salão «Saladino» — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Pela primeira vez, desde que escrevo as chronicas do OCCIDENTE, me acontece uma coisa, phenomenal em Lisboa, sobejar-me o assumpto e faltar-me o papel.

É assim. Hoje sinto-me devéras embaraçado para metter nas tres estreitas columnas de que me é dado dispôr a historia dos oito dias de festa que passámos.

Foi uma lufalufa de divertimentos que deixou Lisboa cheia de cansaço, e nota curiosa, mas triste, o Monte-Pio Geral cheio de penhores.

Tratemos de dar uma certa ordem á narrativa d'esses festejos extraordinarios, sigamol-os dia a dia, mas antes d'isso registemos um facto triste que se perdeu completamente no meio da alegria desusada d'esta semana que passou: — a morte do sr. Barros e Cunha,

Morreu n'uma pessima occasião para o necrologio official o sr. Barros e Cunha. N'outros dias menos ruidosos e animados, a sua morte seria um acontecimento; assim, foi apenas uma local de noticiario perdida entre a descripção do baile do Paço e o programma do fogo no Tejo.

O sr. Barros e Cunha tem o seu lugar na historia politica d'estes ultimos annos. Teve um momento em que se poz em evidencia, e sem de modo algum discutirmos aqui a figura que então fez como ministro o homem hoje fallecido, sem fazermos a apothose banal do morto, ou resuscitarmos á beira de uma cova os sorrisos de zombaria que acompanhavam esse homem na sua vida politica, limitamo-nos apenas a registar aqui a sua morte, como a de um homem que representou um papel, cuja importancia não queremos discriminar, mas um papel saliente no nosso mundo politico.

E agora que já cumprimos este dever de chronista, que não esquecemos o morto no meio do ruido festivo dos vivos, vamos á difficil e longa historia da semana de festas que Lisboa consagrou á visita dos soberanos hespanhoes.

**TERÇA FEIRA, 10.** — Sem enguiço pelos dias aziagos o rei e a rainha de Hespanha chegaram a Lisboa n'uma terça feira.

A tranquillidade e a pacifica alegria que gozaram durante a sua estada no nosso paiz, mostrou-lhes que fizeram bem em não crer em enguiços.

A uma hora da tarde d'essa terça feira, estando a estação de Santa Apollonia, todá embandeirada, decorada com tropheus portuguezes, italianos, hespanhoes e austriacos, chegou o comboio real conduzindo el-rei D. Affonso XII, a rainha D. Maria Christina, e a sua comitiva.

N'esse momento subiram ao ar varios foguetes e cahiram ao chão varias pessoas que tinham trepado a cadeiras pouco consistentes para ver apeiar suas magestades.

El-rei D. Luiz, D. Fernando, o principe real e o infante D. Augusto, acompanhados pelo ministerio e por muitos dignatarios da corte esperavam os reis de Hespanha e foram recebel-os ao saltar do comboio, conduzindo el-rei D. Luiz a rainha D. Maria Christina pelo seu braço, seguido do rei Hespanha e das duas comitivas, para uma sala de recepção que a companhia dos caminhos de ferro preparára á pressa com tapessarias e flores.

Momentos depois os reaes viajantes acompanhados pela familia real portugueza, e pelas suas comitivas dirigiram-se em coches e carruagens da casa real para o paço de Belem, por meio das alas da tropa que estava desde Santa Apollonia até ao Aterro, e das alas do povo que se estendiam desde a estação do caminho de ferro até á praça de D. Fernando.

N'essa noite houve illuminação e musica no largo de Belem, jantar de gala no paço da Ajuda e muitos encontrões nas ruas da baixa todas atulhadas de provincianos.

**QUARTA FEIRA, 11.** — Corridas de cavallos. Logo desde pela manhã no Rocio, no largo do Intendente e na praça da Alegria haviam grandes, successivos e interminaveis magotes de povo assaltando os americanos que iam para Belem.

Os trens de praça não se alugavam n'esse dia, vendiam-se: pediam quatro e cinco libras para ir ao hyppodromo.

Ao passo que os trens afugentavam assim toda a gente das corridas, o Jockey Club attrahia-a com o preço que punha á entrada dos peões. Esse preço era o mais convidativo possível — um preço que recommendamos a todos os emprezarios de espectaculos — era de graça.

Depois de vermos pacientemente partir do Rocio tres americanos para Belem, carregados de gente, e não tentando sequer entrar n'elles, porque se feriam verdadeiras batalhas para alcançar um lugar na plataforma, pensavamos já em comprar uma tipoia, preferindo dar muitas meias coróas a receber muitas contusões inteiras, quando um americano se nos apresentou com aspecto mais pacifico. Entrámos n'elle, e sentados no collo de um sujeito que nos communicou ser portuense, chegámos ao largo dos Jeronymos.

Enorme proçissão de povo e de trens seguia pela rua do Bom Successo. O bilheteiro do hyppodromo, rodeado de gente gritava a todos:

— Já não ha bilhetes! Agora só podem entrar de graça!

E ninguem se zangava com a falta do bilhete, e todos entravam. Mas o hyppodromo é tão vasto que as dez mil pessoas que lá estavam dentro pareciam apenas uma ligeira mancha negra n'aquelle enorme campo.

O rei e a rainha de Hespanha entravam n'uma caleche descoberta, quando nós entravamos. Iam risonhos e alegres. Todos se descobriam cortezmente na sua passagem, e suas magestades cumprimentavam sorrindo os portuguezes, que, já mais familiarizados com elles, lhes davam provas expontaneas de sympathia de que na vespera tinham sido tão sobrios.

O espectáculo começou. Sempre a mesma coisa. Não conheço nada mais insipido em Lisboa do que este divertimento. Ninguem se interessa pelos cavallos, ninguem os conhece, ninguem se importa com elles, as pequenas apostas que se fazem fazem-se á toa, como se aposta ás côres na roleta: não ha animação, não ha commoção, não ha o forte burburinho entusiastico que é a alma d'estes divertimentos. As tribunas estavam cheias, a começar pela real que estava cheia de reis.

No recinto da pesagem estavam os nossos raros *sportmen*, e muitos jornalistas portuguezes e estrangeiros.

Ahi tivemos uma boa surpresa. Conversávamos com o visconde de Clavierie, um velho francez sympathico, que veiu ás festas como correspondente do *Figaro* de Paris, quando nos apresentaram um inglez correcto, louro, alto, e um hespanhol baixo, magro, de cara intelligente, olhar vivo e barbas brancas, rareadas.

Na apresentação não ouvimos senão o nome do inglez, era o sr. Thompson, o correspondente do *Daily Telegraph*. Imaginámos que o outro era correspondente de algum jornal hespanhol, e estivemos conversando muito com elle: era muito amavel, sympathico, fallava muito bem francez, um optimo conversador, emfim. Depois de estarmos muito tempo a fallar com elle, n'uma intimidade de amigos velhos que elle logo estabeleceu, o nosso grupo foi augmentando, e tendo ouvido fallar ali no Sagasta, perguntámos a um hespanhol:

— E verdade! onde está o Sagasta, não o conheço, tinha vontade de o vêr?

— O Sagasta? Mas é esse com quem tem estado a conversar.

Cahimos das nuvens e vimos que a *morgue* hespanhola é uma palavra vã, e que entre o grande estadista da Hespanha e os estadistas pequeninos da nossa terra, ha uma differença enorme, felizmente para a Hespanha!

**O baile no paço.** — Só podemos fallar d'elle por informações, e essas são as melhores. O unico defeito que teve esse baile foi ser concorrido de mais, no fim de tudo um feliz defeito para uma festa.

As salas estavam resplandecentes de formosas *toilettes*, de deliciosos hombros nus e de fardas carregadas de commendas e de grã-cruzes.

Os *mollots* do alto funcionalismo lisboeta fizeram bella figura n'esse baile; e affiançam-nos que em grande maioria os cavalheiros que lá estavam tinham muito talento... nas pernas.

Em summa, cada qual usa d'elle onde as suas posses lh'o permitem, e onde o seu osso lh'o exige.

Os jornalistas estrangeiros receberam todos con-

vite quando estavam nas corridas. Mas á noite foi-lhes communicado que só poderiam ser admitidos no baile, levando o convite e calção e meia.

Todos elles tinham convite, mas faltavam-lhes os calções, e por isso nenhum foi, a não ser o sr. Thompson, que na sua qualidade de inglez, não se deixou assim prender por uns calções, e apresentou-se na Ajuda de calça comprida. Deixaram-n'o entrar, e enquanto os jornalistas hespanhoes procuram sem encontrar uma farda qualquer que lhes servisse, o correspondente do *Daily Telegraph* tomava descansadamente nas salas do paço real as notas para as suas correspondencias.

**QUINTA-FEIRA, 12.** — Ouvimos dizer, a pessoa que nos merece todo o credito, que se inaugurou de tarde a Exposição de arte retrospectiva no palacio do marquez de Pombal, ás Janellas Verdes. A imprensa não soube nada d'isso, e uns professores da Academia de Bellas Artes, com quem conversámos, tambem nada sabiam a esse respeito.

O emprezario do campo de Sant'Anna offereceu uma tourada ao rei de Hespanha, que esteve muito concorrida, e que foi esplendida. Um bello negocio para o emprezario e para o publico.

A noite houve recita de gala em S. Carlos.

São innumerables as queixas que de todos os lados surgiram contra a empreza. Nós não nos queixamos da empreza. Fez ella muito bem. O governo deixou-a explorar a recita de gala á sua vontade, e ella mostrou que tinha muito mais habilidade para explorar uma recita de gala, do que uma companhia lyrica.

Os bilhetes subiram a preços fabulosos. Dizem que se venderam cadeiras a quatro libras, e camarotes de 2.<sup>a</sup> ordem a 40 e a 50 libras.

N'essa noite, mais uma vez na nossa vida, lamentámos não ter cincoenta libras que não nos fizessem falta, para não as darmos por um camarote de S. Carlos.

Felizmente, não as tendo, podémos do mesmo modo realizar este nosso ardente desejo.

O espectáculo constou do *Hamlet*, uma opera excellentemente cantada, e que nos faz hoje saudades, porque a Donadio já se foi embora — pobres ricos assignantes de S. Carlos! — e de uma esplendida marcha triumphal do sr. Augusto Machado, um maestro de muito talento, que não faz carreira musical no nosso paiz por isso mesmo, por ter muito talento, por ser um compositor essencialmente moderno, e não transgiris com a banalidade chocarreira da cantiga associada, a unica que faz fortuna na nossa terra.

**SEXTA FEIRA, 13.** — De manhã suas magestades hespanholas e portuguezas foram vêr Cintra e almoçar no magnifico palacio da Peninha.

O almoço offerecido por el-rei D. Fernando a suas magestades foi um perfeito banquete real. O sr. D. Fernando fez as honras da sua casa com a graça superior d'um principe e d'um homem de alto espirito e de supremo gosto.

Este passeio a Cintra foi decerto uma das diversões mais encantadoras que os soberanos hespanhoes tiveram em Portugal.

El-rei D. Affonso divertiu-se immenso. O passeio em burros até ao alto da Peninha foi para o rei de Hespanha uma festa de rapaz.

— *Oh! c'est amusant! C'est amusant!* dizia D. Affonso correndo n'um burro, como um collegial em ferias, em quanto a rainha D. Maria Christina lhe gritava:

— Não caias, Affonso.

O almoço, de 36 talheres, foi n'uma bonita tenda armada no longo do Picadeiro. Depois d'elle, os reaes viajantes, visitarem a formosa vivenda da Peninha, e retiraram á tarde para Lisboa, trazendo dois cestos chejos das mais bellas camélias que lá encontraram. A noite houve o fogo e illuminações no Tejo.

O fogo foi brilhante, mas ainda assim inferior ao do bairro Camões. Foi muito diluido, foguete a foguete e durou tempo immenso. Ora o fogo d'artificio é um bello divertimento com a condição de ser um divertimento rapido. Estar horas e horas a olhar para o ar, a vêr estoirar foguetes, todos mais ou menos parecidos, não é um divertimento, é uma massada.

Se o fogo tivesse sido mais concentrado, seria muito mais interessante. O que era deveras phantastico, era o effeito do rio, çoalhado de barcos com balões, e com os navios de guerra todos desenhados a luzes n'uma noite escura, com as montanhas da Outra Banda contornadas á fogo, e a margem do Aterro illuminada com milhares de luzes. Parecia uma visão de conto de fadas.

A noite esteve esplendida, e toda a população de Lisboa se acotovellou no Aterro e nos pontos altos da cidade, dominando o rio, desde as seis horas da tarde até á meia noite.



Fizeram muito bom effeito uns balões que vieram do Porto, e que subiam despejando um rasto de fogo, uma *tenia luminosa*, segundo a imagem pittoresca d'um medico distincto que estava ao nosso lado.

SABBAO 14. — A parada. Peça de grande espectáculo, que custa muito dinheiro, mas faz sempre muito bom effeito, e que ninguem sabe montar como o sr. Fontes, o melhor empresario que se conhece para estes divertimentos.

Entretanto parecia-nos que o Aterro teria sido muito melhor sitio para o desfilar das tropas, de que o Rocio, com a tribuna real, olhando para aquelle formoso panorama da calçada do Duque.

Além de ser muito mais comprido, o Aterro, de ser um dos pontos mais bellos de Lisboa, sobretudo para quem está habituado a ter por Tejo o Manzanares, no Aterro, cheito de sol o desfilar das tropas faria effeito muito mais brilhante do que na sombra da rua do Ouro e lado occidental do Rocio.

A parada foi excellente. O exercito, na força de dez mil homens apresentou-se bem, merecendo especial menção os alumnos do collegio militar e o corpo de marinheiros que foram victorizados pela multidão.

A noite houve um desastroso baile na Associação Commercial.

Esse baile foi uma vergonha para Lisboa. Desappareceram *paletots* e capas, e o proprio rei de Hespanha ficou sem o seu *pardessus*.

A distribuição dos convites foi deploravel. A multidão era enorme, e muito mesclada; nos *buffetes* houve balburdia incrível. Em summa, um baile em que se gastaram grandes sommas de dinheiro para se confeccionar um grande fiasco.

DOMINGO 15. — De manhã cedo, a camara fez a sua festa com que solemnizou a visita dos reis de Hespanha, uma festa abençoada, um bodo a oito mil pobres, distribuindo a cada um d'elles cinco tostões em dinheiro, meio kilo de carne, meio kilo d'arroz e um pão.

N'esta festa empregou intelligente e humanitariamente a camara de Lisboa uns contos de réis com que poderia fazer uma festa de vaidade. Preferiu fazel-a de caridade. Honra lhe seja por isso.

Agradecemos reconhecidos a attenção delicada que a camara teve comnosco e com a imprensa enyando-nos bilhetes para os pobres.

As duas horas tourada por amadores no Campo de Sant'Anna offerecida aos reis de Hespanha pelo sr. Alfredo Anjos. A decoração da praça custou muito cara, mas não era de grande effeito. A tourada foi boa, muito mais pelos lidadores, que eram todos excellentes, do que pelos toiros que eram magros e fracos, o que não admira n'este tempo.

Entre todos os cavalleiros tornou-se notavel pela sua suprema arte, elegancia e serenidade o sr. Carlos Relvas.

A noite foi a recita de gala no theatro de D. Maria. Uma enchente completa. A sala apresentava um bello aspecto. A chegada de suas magestades á tribuna real, choveram flores dos camarotes, soltaram-se passaros, um dos quaes foi cair aos pés da rainha de Hespanha que o apanhou e deu a guardar a uma das suas aias, o panno ergueu-se e a companhia do theatro, em *toilette* de gala, atirou flores para a platéa em quanto a orchestra e a banda da guarda municipal tocavam o hymno real hespanhol.

O espectáculo constou da *Mantilha de Renda* e da *Sociedade onde a gente se aborrece*, esta por desejo de sua magestade el-rei D. Affonso, que a viu em Hespanha, e desejava confrontar os desempenhos.

SEGUNDA FEIRA 16. — Partida de suas magestades para Villa Viçosa, d'onde seguiram para Madrid, acabando assim as festas officiaes.

N'este dia a *Associação dos jornalistas* offereceu um jantar aos jornalistas estrangeiros no hotel Universal. N'esse banquete que correu muito animado, tornou-se muito notavel o brinde feito em francez por Pinheiro Chagas, presidente da Associação dos jornalistas, e que foi um bello trecho d'eloquencia.

TERÇA FEIRA 17. — *Matinée* no rio, a bordo d'um navio do estado posto, pelo sr. ministro do reino, á disposição da *Associação dos jornalistas* e dos *jornalistas estrangeiros*. Passeio delicioso, até á barra da barra, com um dia lindissimo. e um rio de cristal, para mostrar aos escriptores estrangeiros que o cristal do nosso Tejo não é uma figura de rhetorica. A noite recita offerecida pela empresa de D. Maria aos jornalistas estrangeiros, representando-se o 3.º acto do *Luxo* do sr. Ennes, o 2.º acto da *Morgadinha* do sr. Chagas, o *Desquite* traducção em verso do sr. Seguer, a *Mosca* monologo traduzido pelo sr. Caldeira, e o *Atheu* poesia do sr. Jayme Seguer.

Os jornalistas estrangeiros applaudiram muito os auctores e os artistas, offerecendo a estes muitos *bouquets*.

No fim do espectáculo a empresa offereceu aos seus convidados um bello serviço de chocolate no salão nobre do theatro.

No dia 18 á noite partiram os jornalistas hespanhoes para Madrid, e pôz-se ponto final n'estas festas exceptionaes que durante 8 dias animaram Lisboa.

E nós aproveitamos a occasião para pôr o mesmo ponto na nossa chronica, que excedendo os limites que lhe eram marcados, não conseguiu ser senão um rapido roteiro das festas que passaram.

D'essas festas começa hoje o OCCIDENTE a dar algumas gravuras, e continuará no proximo numero.

Cervasio Lobato.

## SALÃO DE QUADROS

### I

O OCCIDENTE, publicando hoje uma gravura que representa o aspecto geral do salão de quadros aberto no meiodo mez de dezembro passado, na casa da sociedade de geographia, e propondo-se a reproduzir nos proximos numeros alguns dos quadros mais notaveis apresentados por artistas brilhantes, como Silva Porto, A. Ramalho, Malhóa, além d'uma pagina composta em que figurará um grande numero de telas de todos os artistas expositores, acompanha dedicadamente o nosso movimento artistico, e ao mesmo tempo aproveita, como chronica, um acontecimento raro que provocou um interesse vivo e quasi entusiastico, no pequeno mundo lisboeta que faz caso, caprichosamente, d'estas cousas futeis das boas-artes. Com effeito, ha muito tempo que uma exposição de quadros, mesmo official, mesmo apregoada com batedores, e hymnos, e prosas mazórras de burocratas arrelhiados, ministros e amanuenses, que nunca se deram ao incommodo fatigante de perceber o que vem a significar uma obra d'arte, e tendo pelos objectos d'essa especie reles o mesmo desprezo soberano que pelos pretendentes sempre infelizes, não consegue atrahir tão poderosamente a attenção publica, agitando-a em vibrações de admiração sincera, espontanea, — e, o que é mais, levando-a magicamente a depositar uma porção de libras affectuosas sobre umas quinze telas já escolhidas...

E que tambem nenhuma exposição ainda foi tão merecedora de todas as sympathias. Além de ter sido levada a effeito por um grupo independente de nove rapazes entusiastas e confiantes, que um dia pensaram n'ella, vagamente, e pouco depois a realisaram, decididos, ella representa exuberantemente um progresso forte e luminoso da arte moderna entre nós. E posta em paralelo com as velhas exposições celebres, roncerais e velhacas na falsidade dos tons miseros e na mystificação impune da pobre natureza, attendendo-se igualmente á protecção nulla, ou atrophadora, que o estado sollicito dispensa generosamente aos que caem na tollice incompreensivel de cultivarem bellas-artes, temos de convir, rhetoricos e calorosos, em que o genio da bella aventura, o ardor das conquistas valentes, ainda não abandonaram de todo em todo o espirito arrojado de alguns portuguezes, apesar do penetrante ambiente corruptor dos tempos actuaes!

Mas eu acho antes a explicação logica d'este renascimento consolador, no facto muito simples e nada epico de se achar ha cerca de quatro annos em Lisboa o primoroso paysagista Silva Porto. Por cá era costume antigo e veneravel, na verdade, pintar a grande natureza no fundo genial dos *ateliers*, ou mesmo no saboroso conchêgo do lar domestico, no meio das caricias pasmadas e dos enthusiasmos delirantes das familias; estava convencido, por exemplo, que pedaços de cortiça fossem pedras verdadeiras, e que troncos de arvores tivessem por modelos excellentes cabos de vassoura, de pinho, correctos e augmentados na tela segundo as conveniencias imperiosas; se havia pelas cosinhas ramos de louro, couves, alfices, agriões, ou salsa, muito bem — arrajavam-se com isso, habilidosamente, umas ramarias admiraveis, e copiavam-se com esmero; mas se não havia nada d'aquillo? Ora adeus! Phantasiavam-se, era a mesma cousa. Era preciso porventura um riacho, alegre e mururoso? Enchia-se uma tina bem grande de crystallina agua do pote, mandava-se uma creada intelligente agital-a com sópros colicos ou com

a brisa d'um avental grosso, para lhe dar ondulações bonitas e regulares, e transportava-se toda aquella frescura deliciosa para o quadro sublime. Sempre quero que me digam se a rude natureza poderia jamais valêr o resultado de tão sabias manobras! Por isso, os grandes artistas, austeros e convictos, resolviam sensatamente não produzir obras d'arte senão dentro das suas casinhas pacificas, poetizadas pelos genios creadores que lá extrebuxavam, concentrados no ideal das suas paredes caídas, em partos asombrosos.

Os mediocres, porém, limitavam-se a copiar modestamente deploraveis cartões illuminados; arrastavam-se custosamente por essas baizezas de côres varias, emquanto que os outros, ao menos, pairavam embriagados nas alturas entontecedoras das creções fabulosas, — *paysagens* d'enxerto caseiro; e o publico acolhia então toda aquella enfatuada idiotice artistica com uma indifferença, em que a ignorancia era excepcionalmente justiceira. Mas alguns artistas de talento vieram a romper as espessas teias d'aranha dos mestres conspicios, e entregaram-se, ainda assim com uma certa reserva, aos braços libertinos e poderosos da boa natureza incomprehendida, produzindo uma multidão de quadros em que ella já palpitava fortemente; refiro-me principalmente a Christino e a Annuniação, — o grande animalista cujas telas maginificas haviam de mais tarde, como ninguem ignora, chegar a ter uma certa reputação europeia.

Foi justamente Annuniação quem, na Academia, começou a encaminhar os seus discipulos para o estudo proficuo da natureza. Sómente, elle desconhecia os progressos enormes e continuados que a arte ia atingindo nos paizes estrangeiros, e por isso é que estava reservada para Silva Porto, chegado de França e de Italia com o seu brilhante talento admiravelmente educado e rico de conhecimentos preciosos, a grande victoria da florescencia actual da pintura de *paysagem*, especialmente, — porque foi elle quem, mostrando as suas telas esplendidas e não poupando conselhos e correcções de amigo desinteressado veio revelar claramente e francamente todos os melhores processos modernos de pintar, com largueza, observação e verdadeira cor, e sempre diante dos modelos soberbos e incorrigiveis da natureza.

De maneira que o «salão» de que vou fallando tem, em parte, e sem preoccupações d'isso, espectaculosas e estereis, o valor revolucionario da iniciação d'uma escola — nova entre nós.

Tenho-me occupado até agora, evidentemente, só de pintores *paysagistas*, pela rasão muito terminante de que esta *sympathica* exposição é constituída quasi que exclusivamente por quadros de *paysagem*, áparte uns seis ou sete de genero. Já houve quem se espantasse d'isso, e o lamentasse maguadamente, n'uma commoção dolorida; eu cá, porém, naturalmente por causa do meu espirito pouco penetrante, não me sinto capaz de ver em tal facto motivos para espanto ou para soluços. Confesso com a mais arrojada franqueza, que tanto me faz que um artista pinte uma figura, uma árvore, uma poça d'agua, ou um burro; é sempre um ponto da criação visto atravez d'um temperamento, — conforme define Zola, e em questão d'arte parece-me que nunca se deve procurar transviar estouvadamente as predilecções especiaes de cada um. Demais, é preciso attender a duas cousas fatalmente dominadoras e determinantes: — os nossos artistas viverem no meio d'esta natureza entusiastica e alegre, que, á falta d'outras, vai sendo uma gloria nacional, e o serem quasi todos elles filhos do campo, — sem aproximação pagã, mythologica. Não admira absolutamente nada que elles prefiram pintar *paysagem*, achando-se sempre na atracção d'uma natureza poderosamente provocante, e tendo germinado singelamente em qualquer aldeia, fresca e isolada, onde ella lhes acompanhava a vida despreocupada desenvolvendo socegradamente todos os dias a sua scenographia vistosa e extraordinaria, umas vezes fria e desolada, fechada de ceus torvos, outras vezes óvante de vegetações gloriosas e de cores intensas, cheia d'irisações sonoras de luz sob o immenso riso d'esplendidas *athmospher*as azues.

E quantas vezes tambem um artista ha de sentir um prazer vagamente nostalgico, ao transportar para a tela um ou outro ponto de *paysagem*, que lhe lembre indiscretamente o sitio saudoso e amigo, onde elle costumava rebolar-se regadamente, nas garotadas da infancia feliz!

Decididamente, não vejo mal nenhum em que a attrahente pintura de *paysagem* leve a palma a todas as suas irmãs — de paleta.

Monteiro Ramalho.



## AS NOSSAS GRAVURAS

BASILIO ALBERTO DE SOUSA PINTO  
VISCONDE DE S. JERONYMO

Eis um nome sympathico e venerando nos annos da liberdade portugueza!  
Contando apenas 27 annos, o sr. Basilio Al-

Entre outros serviços relevantes, deve-se-lhes a promulgação da constituição de 23 de setembro de 1822, a abolição de odiosos privilegios do clero e da nobreza, a extinção do ominoso tribunal do santo officio e a lei salutar da liberdade da imprensa.

O sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto foi um dos secretarios d'essas celebres côrtes, e foi elle o relator da mencionada lei da liberdade da imprensa.

mentos liberaes foi o sr. Basilio Alberto deportado pelo governo de D. Miguel, andando durante seis annos refugiado e soffrendo todas as inclemencias pelas serranias mais agrestes e desabridas das duas Beiras.»<sup>1</sup>

Diz ainda o mesmo respeitavel escriptor:  
«O sr. Basilio Alberto não era da moderna eschola de certos individuos, que sendo liberaes na sua mocidade, logo que se acham collocados em elevada posição social, desertam do partido

## VISITA DOS REIS DE HESPANHA A PORTUGAL



O FOGO DE ARTIFICIO NO TEJO, EM A NOITE DE 13 DO CORRENTE (Vide artigo Chronica Occidental)

(Desenho do natural por Antonio Ramalho)

berto de Sousa Pinto foi eleito deputado ás côrtes geraes, extraordinarias e constituintes de 1821; a essas côrtes celebres, que entre nós corresponderam á revolução franceza de 1789, e que, embora condemnadas por muitos como excessivamente doutrinarias, foram sem duvida um contingente poderosissimo para a nossa emancipação politica.

Compostas de tribunos entusiastas, repassados do amor da patria e apóstolos fervorosos da liberdade, ellas produziram logo medidas arrojadas e extremamente beneficas.

Isto basta para se avaliar qual a tempera do seu caracter liberal, caracter nunca desmentido, nem ainda no meio dos maiores revezes.

A contra-revolução de Villa-Franca de 1823 lançou por terra as côrtes (já então ordinarias), mas o sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto foi dos deputados que tiveram a coragem de protestar contra essa reacção do absolutismo.

Apraz-nos repetir aqui as proprias palavras de um respeitavel jornalista, grandemente sabedor das nossas cousas politicas:

«Em consequencia dos seus inalteraveis senti-

em que se alistaram, e se tornam retrogados e reaccionarios. A linha de proceder d'este nobilissimo cidadão foi em todos os tempos rec.a e invariavel.»<sup>2</sup>

Demasiada extensão teriamos de dar a estas simples notas biographicas se nos propozessemos enumerar os serviços prestados ao paiz pelo sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto nos varios cargos e posições que occupou durante a sua

<sup>1</sup> Sr. Joaquim Martins de Carvalho, *Conimbricense* n.º 3:553.  
<sup>2</sup> *Conimbricense* n.º 3:584.





BASILIO ALBERTO DE SOUSA PINTO  
SECRETARIO DAS CORTES EM 1822  
(Segundo um retrato da epoca por Domingos Antonio Sequeira)



BASILIO ALBERTO DE SOUSA PINTO  
VISCONDE DE S. JERONYMO, REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
Fallecido em 16 de Dezembro de 1881 (Segundo uma photographia de Santos)



SALÃO DE QUADROS — EXPOSIÇÃO NA SALA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA  
(Desenho do natural por Antonio Ramalho)



longa existencia: lente das faculdades de leis e direito na universidade (doutorado em 2 de julho de 1817), fiscal do estado e fazenda da universidade, deputado da junta da mesma fazenda, membro da directoria geral dos estudos primarios e secundarios, vogal do conselho superior de instrucção publica, deputado em varias legislaturas, reitor da universidade e par do reino.

E pois que é necessario resumir, passaremos em forçado silencio esses serviços, aliás muitos e valiosos.

O sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto deixou varias publicações, que o abonam como litterato de merito.

Os seus *Discursos como deputado e como professor e reitor da universidade*, acompanhados de notas muito interessantes, constituem um formoso volume, editado em 1871 pelo sr. A. M. Seabra d'Albuquerque. Nesta obra encontrará excellentes subsidios quem pretender escrever a biographia do sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto.

O mesmo benemerito editor publicou em 1861 as *Lições de direito criminal portuguez*, recitadas na universidade pelo sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto.

O sr. dr. José Freire de Sousa Pinto publicou em 1881 os *Discursos recitados em algumas assembleas populares, na camara dos pares e na universidade* pelo sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto. Estes *Discursos* devem ser considerados como um supplemento aos que editou o sr. Seabra d'Albuquerque.

Ha ainda do sr. Basilio Alberto duas interessantes monographias, que foram publicadas anonymas:

— *Memoria sobre a fundação e progressos do real collegio das Ursulinas de Pereira*, 1850.

— *Memoria do concelho de Ferreiros de Tendaes*, 1856.

O sr. Basilio Alberto de Sousa Pinto falleceu em Coimbra no dia 16 de dezembro de 1881, contando a avançada idade de 88 annos e 9 mezes, pois que nascera em 16 de março de 1793.

A universidade, a mocidade academica e os cidadãos conimbricenses concorreram numerosos ao seu funeral, querendo dar um justo testemunho de saudade ao cidadão benemerito.

Foi elle o ultimo deputado das côrtes liberaes de 1821 a 1823 que se finou.

Jaz no cemiterio de Santo Antonio dos Oliveas, suburbios de Coimbra.

O OCCIDENTE enthesoua nas suas paginas dois retratos do venerando propugnador da liberdade: — um que o representa moço e vigoroso, quando deputado e secretario das côrtes de 1821, outro que o representa já provector e nos ultimos annos da sua existencia.<sup>1</sup>

A. M. Simões de Castro.

#### SINISTRO DO BALÃO «SALADINO»

Um dos desastres mais contristadores que n'estes ultimos tempos se tem dado, foi sem duvida o do balão — Saladino.

A 10 de dezembro ultimo o sr. Walter Powel deputado por Malmesbury ao parlamento britânico, em companhia do capitão James Templer,

<sup>1</sup> O primeiro é copia de uma lithographia executada pelo grande pintor Sequeira e que fazia parte de uma galeria de retratos dos deputados de 1821. O segundo é copia de photographia.

#### SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 110)

D. Monica aturdida com este discurso, applaudiu a emmenda proposta, a qual foi logo exarada no documento.

Quando chegaram ao ponto dos suffragios, enterro, etc. D. Monica pediu um côpo d'agua, e este a ponto de desmaiar.

Antonio Dourado afflicto, accudiu logo a desapertal-a, offerecendo-se para, no intuito de evitar detalhes desagradaveis, ficar elle encarregado de todas as determinações necessarias com relação ao enterro, funeral, e suffragios da testadora.

Assim se fez.

D. Monica sob a direcção de Antonio Dourado, assignou o seu nome n'uma calligraphia tremida e barbara.

Seguiram-se as testemunhas, e terminou o acto.

e do cavalheiro Agg. Gardner, fez em Bath, pela hora e meia da tarde, uma ascensão aerostatica no balão — *Saladino*, cedido para um fim scientifico á *Sociedade meteorologica*, pelo governo inglez. A ascensão tinha por objecto observar o limite superior da densa nevoa que envolvia Londres desde o dia antecedente. Levados por uma forte corrente de vento para Exeter quizeram descer, o que não poderam conseguir, continuando a sua marcha até perto de Eype, cerca de uma milha ao oeste de Bridport e a meia milha do mar.

Pelas cinco horas da tarde, reconhecendo que eram rapidamente impellidos para o mar, tentaram descer. O balão abaixou com grande rapidez, batendo violentamente na terra. Templer e Gardner foram cuspidos da barquinha ou cesto, ficando o segundo com uma perna quebrada, e o primeiro contuso e ferido. Este levantando-se immediatamente, gritou a Powel que largasse a corda da valvula que ainda segurava, mas no mesmo momento esta se quebrou. Templer, auxiliado por um calafate dos arredores, David Forsay, que por acaso se achava perto e correria em seu auxilio, tentou segurar o balão por uma corda, e ainda correram algum tempo a ella agarrados. O balão elevou-se primeiro a alguns pés do solo, e apesar dos esforços incriveis dos dois animosos individuos, que ficaram com as mãos esfoladas e ensanguentadas, subiu instantaneamente a grande altura e foi impellido pelo vento rapidamente para o lado do mar. Nesta occasião viram pela ultima vez o infeliz Powel erguido sobre a barca, enviando um corajoso adeus aos seus companheiros.

Parece que o balão desceu gradualmente á distancia de duas milhas da costa. O capitão Templer marchou immediatamente para Bridport, d'onde telegraphou ao commandante de marinha Weymouth, pedindo-lhe que mandasse um barco de vapor em busca do aereonauta. Já de noite saiu effectivamente o vapor *Commodore* explorando detidamente o mar até quatro milhas da costa; seguiram logo outros barcos em diversas direcções, e apenas rompeu a alva do dia seguinte partiu de Bridport uma flotilha de lanchas de pescadores com igual intuito. Nem estas, nem as explorações que depois se tem feito no canal da Mancha e no mar cantabrico, deram resultado algum, apesar do interesse que n'este objecto tomaram governo, amigos e a familia do pobre martyr da sciencia.

Duas hypotheses se tem apresentado: ou Powel ficou infelizmente sepultado no seio do mar, ou foi recolhido por algum navio que ainda não chegou a porto conhecido; esta segunda é já quasi inadmissivel.

Infelizmente já se encontrou um aro de ferro que se julga ser o do *Saladino*, e um pedaço de thermometro, que se reconheceu ser o do capitão Templer.

Powell tinha nascido em 1842, e seguira a carreira de jurisprudencia como seu pae. Fôra eleito em 1868. deputado por Malmesbury, ao parlamento britannico, pertencendo ao partido conservador, e fôra réeleito nas ultimas eleições geraes vencendo o candidato liberal visconde de Andover. Era entusiasta pela meteorologia, havendo já realisado outra ascensão, em outubro de 1880, no balão do sr. Coxwell, partindo de Ashford, no Kent, chegando ao termo da viagem depois de se ter visto exposto a grandes perigos pelas alturas de Crediton no Devonshire.

O testamento foi encerrado, lacrado e entregue ao mercieiro.

D. Monica recolheu para casa profundamente abatida. De quando em quando fallava das virtudes do seu homem, do muito que elle a estimava, e tinha com essas recordações ataques de sentimentalismo que a obrigavam a muitas caretas nervosas, e esgares apaixonados.

O herdeiro universal, para a consolar, dizia-lhe que era aquelle um caminho que todos haviam de trilhar.

Por pouco que não lhe declarou, que ella já estava fazendo o pão caro.

Mas a grande satisfação que lhe ia n'alma, guardava-a elle toda para si.

Levou-a para casa, aonde esperava podella expandir em phrases de muito orgulho, mas enganou-se redondamente.

A fria recepção da esposa, foi para elle como quem deita um pucaro d'agua na fervura.

Como era supersticioso, tomou logo o caso por mau agouro.

As nossas gravuras representam primeiro Powel e Templer na barquinha; em seguida o retrato de Powel; e finalmente a scena em que depois de cahidos Gardner e Templer, este pretende segurar o balão e vem em seu auxilio David Forsay, quando o globo se levanta para subir no espaço e voar ao mar com o seu intrepido e infeliz aereonauta para nunca mais ser visto.

A ultima hora nos consta, pelo jornal — *El Labrador* — de S. Thiago de Galiza, que um vendedor ambulante de jornaes encontrára, no Monte Pedroso, o cadaver do infeliz Powel, já em estado de putrefacção.

Se a noticia for exacta, quão longe do seu paiz veio acabar o pobre martyr da sciencia!

#### EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

### ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

II

SESSÃO DE INAUGURAÇÃO

A causa que deu logar ao delicado convite que el-rei o sr. D. Luiz fez aos reis de Hespanha para virem visitar Lisboa, foi o assistirem á grande festa industrial e artistica da abertura da exposição da arte ornamental e decorativa da península, que ao principio se dissera devia abrir-se em novembro ultimo, sendo finalmente fixada a sua inauguração para o dia 12 do corrente janeiro. Foi pois esta a unica solemnidade de significação prestada a que assistiram os nossos augustos hospedes.

Effectivamente no dia marcado e pelas duas horas da tarde, achando-se no palacio das Janelas Verdes — pertencente ao sr. marquez do Pomal, e alugado para museu de Bellas Artes, — sua magestade el-rei D. Fernando, presidente da grande commissão organisadora da exposição com os membros da commissão executiva, srs. Delphim Guedes, drs. Teixeira d'Aragão, Felipe Simões, e Sousa Viterbo, Vilhena Barbosa, architecto Monteiro, esculptor Simões d'Almeida, pintor Alfredo de Andrade, etc., chegaram os reis de Hespanha e de Portugal, e dirigindo-se á sala destinada para o acto da inauguração, e que poderia chamar-se do docel, se tivesse havido a lembrança de o porem lá, modestamente decorada para a solemnidade, e achando-se tambem presentes os membros do corpo diplomatico, varios pares e deputados, alguns expositores e outros convidados, tomando as duas côrtes os logares convenientes, leu el-rei o sr. D. Fernando o discurso em que mostrava a conveniencia, importancia, fins e intuitos da exposição, tornando bem palpavel quanto esta festa artistica e industrial pode servir para o melhoramento, progresso e aperfeiçoamento das artes ornamentaes e decorativas.

Respondendo el-rei o sr. D. Luiz, alludindo á presença dos augustos hospedes que quizeram vir assistir a esta festa peninsular, estreitando assim os laços da nossa affeição e parentesco e consagrando o respeito pela mutua independencia. Em seguida o sr. ministro das obras publicas declarou aberta a sessão.

<sup>1</sup> Ver pag. 187 do n.º 4.º vol.

D'ahi deu-se ainda uma outra circumstancia que o affligiu.

A creada não se mostrou contente com a pensão estabelecida no legado.

O mercieiro fôra-lhe dar a nova, allegando grandes serviços, mas ficou de cara á banda ao ouvir esta resposta de nariz torcido:

— Que heide eu fazer com dois tostões por dia?

— Para vestir-se, já lhe chega.

— Agradeço-lhe o favor. Fico d'esse modo condemnada a servir toda a vida. Ora não ha! gabo-lhe o descêco.

— Então que esperava? A sua independencia?

Joanna deitou-lhe uns olhos coriscantes, e disse-lhe:

— Sabe que mais, de ingratos está o mundo cheio.

E acrescentou com profundo despeito:

— Fallava do padre e afinal é tão bom como elle.

D'esde então tornou-se irreconciliavel.

Antonio Dourado profundamente desgostoso,



Findo o acto solemne passaram suas magestades a visitar as quinze salas da exposição, acanhadas é verdade, mas em fim as melhores que nas condições presentes se poderam obter. Uma hora pouco mais ou menos depois partiu o rei de Hespanha com as duas rainhas e o príncipe real para a toirada no Campo de Sant'Anna, ficando no palacio os srs. D. Luiz e D. Fernando até proximo da noite. N'esta visita observaram meudamente os reis e respectivas côrtes todas as grandes preciosidades de diverso genero alli recolhidas, levando d'aquelle conjuncto a mais satisfactoria lembrança. El-rei o sr. D. Luiz depois do exame attento e demorado, declarou que a exposição excedia as esperanças que se haviam concebido a tal respeito.

Tudo se achava disposto com elegancia, se não com muita riqueza, que parece ser uma coisa que os nossos visinhos mais apreciam, e na noite do dia seguinte ainda suas magestades tornaram a examinar aquella bellissima collecção, quando das janellas do mesmo palacio, que domina o nosso formoso Tejo, assistiram ao brilhante fogo e iluminação que quebrou por algumas horas a monotonia nocturna do nosso magestoso rio.

(Continúa)

R.

## EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

XXVIII

A quinta conferencia do professor Cavallero, de Turin, versou sobre as *machinas motrizes de vapor*. Começou por se mostrar satisfeito de poder tambem prestar o seu concurso a esta grande festa da industria. Historiou depois a invenção e progresso das machinas de vapor, descrevendo a primeira e tão simples, e mostrando o desenvolvimento e applicações que ellas teem recebido em todos os paizes, indicando n'algumas das suas variedades os melhoramentos de que são ainda susceptiveis, quanto a redução do espaço perdido, ao aproveitamento da sua velocidade, á applicação de um freio ás valvulas etc. Depois examinando os productos d'este genero apresentados na exposição pela sociedade Veneziana, di Cerimedo, di Neville, di Cantoni e Krump, di Bosio, di Süffert e outros, pôz em toda a sua evidencia os progressos introduzidos n'elles por estes industriaes. Sentindo não poder no seu plano de estudo occupar-se das caldeiras e locomotoras ainda se referiu aos melhoramentos n'ellas introduzidas por alguns d'aquelles constructores e outros, terminando por congratular-se por ver a sciencia penetrada na officina, podendo os constructores competir d'ora avante com os estrangeiros.

O professor Leonardo Lorio fez a sexta conferencia onde tratou dos *caminhos de ferro*. Começou por dizer que uma das revelações da exposição nacional foi mostrar que a Italia era muito menos tributaria do estrangeiro do que se supunha, pois ninguem julgava antes d'ella que a industria italiana, relativa a este ramo, podesse cobrir uma area de 500 metros quadrados; facto tanto mais notavel em presenca do grande desinvolvimento da viação accelerada. Os caminhos

passava horas e horas contemplando com um olhar triste, aquelles cinco pingos de laere vermelho que encerravam a sua herança e relia muitas vezes o rotulo rubricado pelo tabellião, que dizia assim:

«Testamento de D. Monica da Purificação Menezes e Alvim, approvado n'esta cidade de Lisboa aos treze de Abril de mil oitocentos e cincoenta e sete.»

Treze era um numero fatidico.

Além d'isso caíra a uma sexta feira, o que o tornava duas vezes aziago.

Antonio Dourado andava n'uma inquietação permanente. Desconfiava de Joanna, desconfiava do conego, desconfiava de toda a gente que mais ou menos se approximasse de D. Monica, incluindo o proprio aguadeiro que lhe fazia as compras.

Por sua vontade mettia-a n'uma gaiolla ou trazia-a ao pescoço como a reliquia milagrosa.

Tudo eram sustos e receios para elle.

O testamento estava na sua mão, mas a herança a que mãos iria ter, se D. Monica

de ferro italianos até ao fim de 1879 constavam de 8348 kilometros, tendo custado 2500 milhões de liras (cerca de quatrocentos e cincoenta mil contos de réis) dos quaes 230 foram empregados na compra de material movel, sendo 53 apenas gastos no paiz. Como porém em poucos annos se devam gastar n'este emprego mais 120 milhões, é importantissimo que esta industria se vá desinvolvendo progressivamente. Desejava que o governo excitasse, pelos meios que lembra, este desinvolvimento, sem contudo crear officina nem dar subsidio a algumas. Disse que a fabricação dos vehiculos foi uma verdadeira victoria da industria nacional sobre as estrangeiras. Cita com grande louvor a casa Grondona pelo primor dos vehiculos para caminhos americanos. Fallou ainda dos freios e outros appparelhos de segurança, lamentando que não figurasse ainda na exposição nenhum de ar comprimido de Westinghouse, concluindo que nas condições do trafico e velocidade dos caminhos italianos não são notavelmente necessarios. Falla depois no systema Agudio que deseja ver experimentado brevemente, e termina fazendo votos pelo augmento e desinvolvimento d'esta industria.

XXIX

*Sobre os progressos em algumas technologies mechanicas* foi o thema da setima conferencia pelo professor Cesar Saldini, que com o professor Colombo e o engenheiro Ponzio foram os organisadores das galerias das machinas e do trabalho.

É muito notavel esta conferencia e difficil de resumir por tocar muitos factos e muitas industrias. Falando da seda mostrou os progressos introduzidos na criação e produção do sirgho e fio de seda, notando a inferioridade dos tecidos italianos. Que era necessario não adulterar a qualidade do fio com preparações chemicas e melhorar a condição dos tecidos.

Com relação ao linho e canhamo notou a superioridade relativa dos italianos como produtores do segundo e a sua inferioridade como produtores do primeiro. Lamentou que se exportasse o canhamo em fio, para o receber depois em cordoalha e tecidos, isto é, vendendo-o por um valor minimo, para o pagar depois por valor maximo. Confessando alguns progressos n'este ramo louvou a ousada implantação e a excellente organização do *Campicio e linificio nacional*, para a laboração d'aquelles productos.

Tratou depois da dos cereaes, nomeadamente do trigo e arroz. Mostrou quanto se achava adiantada na Italia ao passo que os moleiros francezes se achavam atrasados, por não terem querido aceitar os novos methodos e como se deixaram derrotar em todos os mercados pela farinha hungara, e por isso pede instantemente um direito protector.

Que reflexões se poderiam fazer a este respeito com relação a Portugal, que em tempos exportava trigos para a Europa e Africa, e hoje nem os exporta regularmente, antes se vê inundado de farinhas americanas, sendo em algumas partes as suas tão mal preparadas, que só podem produzir muito mau pão.

Falou da grande quantidade de massas fabricadas na Italia, das quaes se exportam oito mil toneladas; e concluiu dizendo que apesar de se terem revelado muitos progressos em tantas industrias, não desejaria que o incenso do louvor prejudicasse o seu desinvolvimento; não bastando

se lembrasse de dispôr novamente dos seus bens?

Uma vez ella dissera-lhe, de certo modo, que havia gente que tudo queria para si, e lembrou um dictado a esse respeito.

Antonio Dourado esteve a ponto de desmaiar. D'esde então, ir a casa de D. Monica era para elle como se o obrigassem a subir os degraus da forea.

Em face d'ella experimentava moralmente todos os horrores da estrangulação.

Seria a voz da consciencia?

Surprehendia-se.

Com a bréca! Nunca déra por tal! Pois realmente teria elle consciencia, elle Antonio Dourado cuja ideia unica era enriquecer-se, adquirir fortuna, tornar-se independente, preciso, necessario, rico emfim?!

Era assombroso!

D'ahi desde que D. Monica lhe fizera o testamento tornara-se intratavel, rabugenta e irascivel.

Era preciso revestir-se de uma grande paciencia para a aturar.

provar que a Italia *pode fazer*, mas que conheça que lhe é *conveniente fazer*; para o que é preciso o conjuncto dos esforços dos industriaes, dos capitalistas e do governo.

(Continúa.)

R.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS — *A terra e os mares: Divagações scientificas, illustradas com doze figuras...* Lisboa, David Corazzi, editor, *Empreza Horas Romanticas, rua da Atalaia, 52, 1882.* — É o vigessimo segundo voluminho d'esta proveitosa publicação, que vae mantendo o credito de que se tem sabido cercar. Este voluminho, como alguns outros, não é uma traducção mais ou menos litteral de outro, mas sim uma enunciação de principios bem dispostos, aproveitando trabalhos dos nossos sabios, ou aquelles que teem sido elaborados no nosso paiz, taes como os do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica, que se reuniu em Lisboa em 1880, ainda que a este respeito ha no tratadinho uma expressão pouco exacta. Passando em rapido esboço a historia da formação do globo terrestre, a sua constituição physica, o desenvolvimento da vida, a sua superficie e os diversos phenomenos que influem ou modificam as condições da terra, prepara os leitores para o estudo da *geologia* ou descripção da crusta do globo, que esperamos ver feita com bastante simplicidade e clareza.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO — N.º 3 do 1.º de dezembro de 1881, Porto, typ. Lusitana, rua de D. Fernando, com 48 pag. — Traz varios artigos de interesse, sendo os mais importantes: — *As colonias portuguezas*, pelo sr. Gonçalo Reparaz; — o roteiro da *Segunda viagem de Vasco da Gama*, escripto em flamengo por um companheiro d'essa viagem, e já traduzido, se nos não enganamos, em inglez (com certeza) em francez e em allemão moderno, e aproveitado principalmente pelo sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*; dizemos isto, porque de quando em quando os jornaes proclamam como um grande successo o achado da descripção d'esta viagem, ora na Allemanha, ora na Hollanda, quando é a mesma coisa já conhecida

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Na arca do avarento jaz o diabo dentro.

Fazia d'elle o seu vasculho, menos do que um creado.

As vezes elle queixava-se d'isto á mulher, mas ia bater a má porta.

Nem ella, a sua metade, a sua companheira, tinha uma phrase de conforto para allivio das maguas que o ralavam.

Era muito!

A mulher arisca sempre de um mau humor chronico, tinha então para elle phrases que arranhavam mais, do que as unhas de um gato.

A cada uma das suas queixas, respondia ella invariavelmente isto:

— E' bem feito, não sejas tolo.

E acrescentava uma prophécia terrivel.

— Ainda te hade acontecer peor.

Peior?! Oh! Santo Deus, oh! misero Dourado! que triste destino o teu!

Elle coitado, suando por todos os poros exclamava ás vezes, assoprando pelas ventas como um cavallo cansado:

«Se esta velha não morre, arreberto.»

LEITE BASTOS.



ha muito dos estudiosos, e cujo mysterio esperamos acabar com esta publicação, que aliás precisava ser feita mais de espaço com commentos e notas indispensaveis.

ATRAVES ESPAÑA Y PORTUGAL (*ajustes de viaje*) por Viriato Silva, traducción de O. Noel — Vigo, Tip. Luna e hijos, 1881, com 120 paginas. — O auctor de que já mencionámos por accasão do darmos noticia da sua *Excursion artistica por Italia*, a pag. 224 do nosso vol. IV, passa de Marselha a Barcelona, e chegando a Madrid discorre depois a Lisboa, d'onde fazendo excursões a Cintra, Mafra e Setubal, passa por Santarem, Thomar, Coimbra e Porto, faz a viagem ao Minho, vendo Braga, Guimarães e Vianna do Castello,

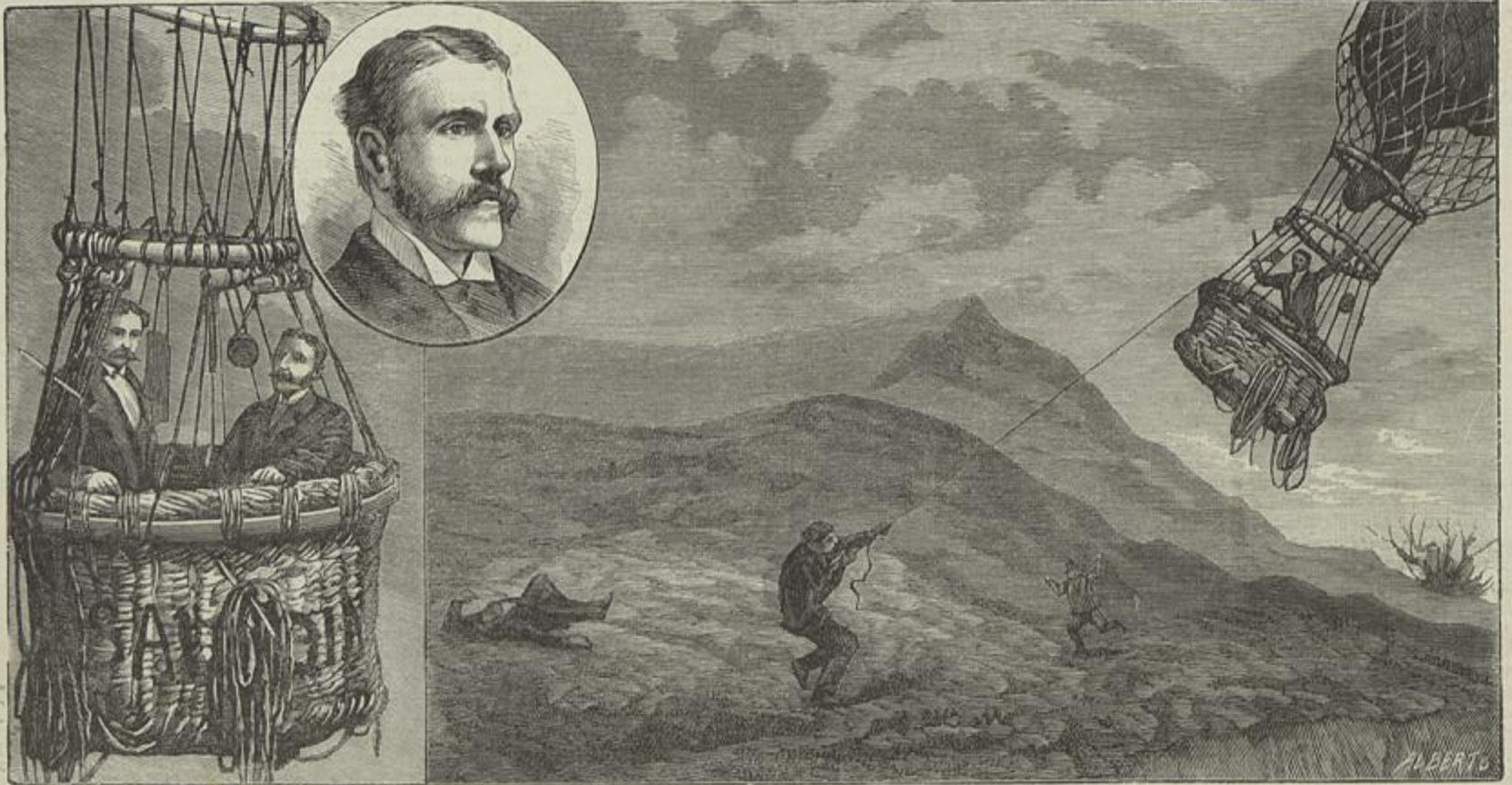
ALMANACH COMMERCIAL PARA 1882, por Carlos Augusto da Silva Campos, Lisboa. — É o segundo anno de publicação d'este almanach, que tem 700 paginas, com tabellas, noticias burocraticas e commerciaes, secção de annuncios, etc. É um livro muito util.

SCIENCIA PARA TODOS — *Revista semanal illustrada*, redactor Francisco d'Almeida, n.ºs 1 e 2. — Estão publicados os dois primeiros numeros d'este semanario, que pela sua especialidade e elevada missão vem preencher uma falta, que a vulgarisação das sciencias, em o nosso paiz, estava reclamando.

O summario d'estes dois numeros dá a medida da importancia d'esta publicação, e é o seguinte:

Este numero publica as seguintes estampas: *Cobertura metalica no edificio da bolsa do Porto* — *Bem me queres, mal me queres*, estatua de Simões d'Almeida — *A seara*, quadro de Silva Porto — *Cephalo e Procris*, quadro de Marques d'Oliveira — *A lapide de bronze de Leça do Balio*. Estas estampas desenhadas pelos srs. Soller, Soares dos Reis e Marques d'Oliveira, vem acompanhadas dos respectivos artigos, além de outros firmados pelos srs. F. Martins Sarmiento, Manuel M. Rodrigues e Joaquim de Vasconcellos.

A publicação d'este periodico é determinada por um artigo da lei que regula o *Centro Artistico do Porto*, o qual é uma instituição cheia de boa vontade pelos progressos das bellas-artes em Portugal. Oxalá atinja o seu ideal.



Os aeronautas na barquinha do balão

O deputado Inglez Powell

Queda dos aeronautas Templer e Gardner em Bridport e subita elevação do balão arrebatando Powell

SINISTRO DO BALÃO «SALADINO»

dando um passeio pelo Lima, e passa á Galliza nomeando Tuy e Vigo. É rapido na sua descripção, e se não diz muitas coisas novas ao leitor, não o fatiga com descripções pesadas.

BIBLIOGRAPHIA DE PORTUGAL E BRAZIL — *Jornal das livrarias, editores Maximiano & Azevedo*. — Publicou-se o n.º 7 d'este periodico (e não jornal como viciosamente diz o seu titulo) relativo a 12 de novembro do anno findo, trazendo o principio de um artigo relativo á propriedade litteraria do director d'esta folha, o sr. Gervasio Lobato; outros de critica sobre o bello livro — *Mulheres e creanças*, da sr.ª D. M. Amalia Vaz de Carvalho, por Gomes de Mattos; — sobre o *Compendio de geographia*, de Augusto Luso da Silva, pelo sr. Alberto Pimentel; — sobre a *Nova selecta franceza*, de Jacob Bensabat, escripto em francez pelo sr. H. de Courtois; — Ultimas publicações e a continuação do artigo muito curioso do sr. Silva Pereira — *O jornalismo portuguez*.

Da educação intellectual, moral e physica — *Physiologia* — *Astronomia* — *Botanica* — *Excellencias do trabalho* — *O alfabeto* — *Metallurgia* — *Zoologia* — *Anthropologia*, etc.

Além d'estes assumptos e outros que deixamos de enumerar, publica tambem um *Diccionario de medicina popular*, que póde depois formar um livro separado.

A *Sciencia para todos* é uma prova incontestavel da grande aptidão e actividade do seu intelligente redactor, o sr. Francisco d'Almeida.

A ARTE PORTUGUEZA — *Revista mensal de bellas artes, publicada pelo Centro Artistico do Porto*, n.º 1 de janeiro corrente. — Esta publicação, que representa um esforço louvavel da parte dos artistas que a emprehenderam, já ha mais de um anno que estava annunciada, mas as difficuldades que se apresentaram para a levar á pratica, só permittiram que o primeiro numero apparecesse este mez.

## O BODO DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

POR

### Ocasião da visita dos reis de Hespanha

Os quatro bilhetes que a Camara Municipal enviou a esta redacção, foram distribuidos aos seguintes pobres:

Joaquina Rosa, Rua de João Braz, 2, 1.º  
Anna Augusta d'Oliveira, Rua Direita da Lapa.  
Manuel Dias Coelho, Pateo dos Peixinhos, 20, loja.  
Maria Hespanhola, Cabeço de Bola.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6

# ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lithographia

É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO, EM LISBOA, 240 RÉIS

Á venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, 43 — Lisboa.

## CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

# OCCIDENTE

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas espécies para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.